



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

Ana Caroliny Ritti  
Emily Menezes Leão

**Sonhos Peregrinos**  
Histórias de estudantes brasileiros na América Latina

Florianópolis  
2021

**Ana Caroliny Ritti**  
**Emily Menezes Leão**

**Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso**  
Sonhos Peregrinos: histórias de estudantes brasileiros na América Latina

Relatório Técnico de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para aprovação na disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso*, ministrada pelo Prof. Fernando Antônio Crocomo, no segundo semestre de 2020.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Stefanie Carlan da Silveira.

Florianópolis  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ritti, Ana Caroliny

Sonhos Peregrinos : Histórias de estudantes brasileiros na América Latina / Ana Caroliny Ritti, Emily Menezes Leão ; orientador, Stefanie Carlan da Silveira, 2021.

31 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Migração. 3. Educação. 4. Reportagem multimídia. 5. Pandemia. I. Leão, Emily Menezes. II. , Stefanie Carlan da Silveira. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. IV. Título.

Ana Caroliny Ritti  
Emily Menezes Leão

**Sonhos Peregrinos**

Histórias de estudantes brasileiros na América Latina

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 06 de maio de 2021.

Profa. Dra. Daisi Irmgard Vogel  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora**

Profa. Dra. Stefanie Carlan da Silveira  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Melina de la Barrera Ayres  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

<b>FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC</b>	
<b>ANO</b>	2020.2
<b>ALUNAS</b>	Ana Caroliny Ritti e Emily Menezes Leão
<b>TÍTULO</b>	Sonhos Peregrinos Histórias de estudantes brasileiros na América Latina
<b>ORIENTADOR (A)</b>	Stefanie Carlan da Silveira
<b>MÍDIA</b>	<input type="checkbox"/> Impresso
	<input type="checkbox"/> Rádio
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/> Foto
	<input type="checkbox"/> Web site
	<input checked="" type="checkbox"/> Multimídia
<b>CATEGORIA</b>	<input checked="" type="checkbox"/> Produto jornalístico: reportagem multimídia para a Web
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional (manuais, guias...)
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)(seja empresarial, comunitária etc)
	<input type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro) <b>Local da apuração:</b>
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ( ) se sim ( ) Florianópolis ( X ) Brasil ( ) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____
<b>ÁREAS</b>	Reportagem perfil. Pandemia. América Latina. Brasileiros. Educação.
<b>RESUMO</b>	Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa mostrar a vida de brasileiros que estudam em instituições de Ensino Superior de seis países da América Latina. Por meio de uma reportagem multimídia com publicação online, busca-se retratar as vivências no país estrangeiro, abordando aspectos da vida no Brasil e as experiências educacionais e culturais no país estrangeiro, além dos efeitos da pandemia de covid-19

	<p>na rotina de todos. A partir dos relatos, foram construídos seis perfis de estudantes brasileiros na Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Chile e México, além de um texto de abertura da reportagem que traz dados que fundamentam a reportagem.</p>
--	---

## AGRADECIMENTOS

Eu, Ana, agradeço aos meus pais Maria Augusta e Vitalino, assim como ao meu padrasto Francisco, que me apoiaram ao longo da graduação e na vida como um todo. Também agradeço à Karen pelo companheirismo e à Emily por sua amizade e parceria neste trabalho.

Eu, Emily, agradeço à minha família. Em especial, ao meu pai, Paulo, por todo amor e apoio, imprescindíveis até aqui. Aos meus avós: Heraldito, Clarice e Seila, por cada palavra de ensinamento e gestos de carinho. Talvez por isso eu me sinta tão capaz. À Isa, Ana Beatriz, Ana Paula, Sabs, Nádia, Alice, Giovanna e Gabi. Vocês são fundamentais na minha vida. Obrigada pela lealdade e amizade e por acreditarem em mim quando nem eu mesma era capaz de fazer isso. À Rafa, por tanta coisa que nem caberia listar neste breve agradecimento. Às meninas do grupo *Diferenciadas*, por fazerem a diferença nesses anos de curso e por estarem sempre ao meu lado nessa trajetória tão importante. À Ana por cada momento de acolhimento desde o início até o fim da graduação. Obrigada pela parceria e pelos conselhos trocados durante a realização deste trabalho.

Agradecemos a todas as fontes que conversaram com a gente e foram essenciais na construção dessa reportagem. Obrigada especial ao Alex, ao André, à Emanuela, à Fernanda, à Karine e à Michele, que de forma muito gentil compartilharam suas vivências para ilustrar as páginas do trabalho. Também somos gratas à nossa orientadora Stefanie por nos acompanhar nessa etapa, assim como aos nossos professores, que ao longo dos anos da graduação tanto nos ensinaram.

Agradecemos à Universidade Federal de Santa Catarina e aos trabalhadores do departamento de Jornalismo, que nos proporcionaram uma ótima estrutura para o desenvolvimento da carreira jornalística, além das vivências e amizades que levaremos para a vida. Obrigada aos colegas do jornalismo que de alguma forma fizeram parte da nossa passagem pelo curso, seja nas conversas em aulas, no CALJ ou filas para almoçar no RU. Um obrigada especial às amigas Maria Eduarda, Bruna, Paula e Letícia.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa mostrar a vida de brasileiros que estudam em instituições de Ensino Superior de seis países da América Latina. Por meio de uma reportagem multimídia com publicação online, busca-se retratar as vivências no país estrangeiro, abordando aspectos da vida no Brasil e as experiências educacionais e culturais no país estrangeiro, além dos efeitos da pandemia de covid-19 na rotina de todos. A partir dos relatos, foram construídos seis perfis de estudantes brasileiros na Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Chile e México, além de um texto de abertura da reportagem que traz dados que fundamentam a reportagem.

**Palavras-chave:** Reportagem perfil. Pandemia. América Latina. Brasileiros. Ensino Superior.



## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO DO TEMA</b>	8
1.1 O BRASIL DA AMÉRICA LATINA	8
1.2 MIGRAÇÃO E MOBILIDADE ESTUDANTIL	11
1.3 PANDEMIA DE COVID-19	14
<b>2 JUSTIFICATIVA</b>	16
2.1 ESCOLHA DA PAUTA	16
2.2 FORMATO MULTIMÍDIA	17
2.3 PERFIL EM TEXTO E JORNALISMO LITERÁRIO	18
2.4 ENTREVISTA	19
<b>3 DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO</b>	20
3.1 DEFINIÇÃO DE PAUTA E PLANEJAMENTO	20
3.2 APURAÇÃO E ENTREVISTAS	21
3.3 REDAÇÃO	24
3.4 EDIÇÃO	24
<b>4 RECURSOS</b>	25
<b>5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS</b>	27
<b>REFERÊNCIAS</b>	28
<b>ANEXOS</b>	30

## **1 APRESENTAÇÃO DO TEMA**

O processo de migração e imigração é algo constante e histórico nas sociedades. Os fatores de deslocamento são múltiplos e são ocasionados de forma individual. A discussão desse tema está ligada ao deslocamento humano, que contribui para a formação da identidade das pessoas e dos lugares ao redor do mundo. “Milhares, talvez milhões de pessoas estejam cruzando fronteiras e, com essas fronteiras territoriais, estão também cruzando limites étnicos, religiosos, linguísticos, políticos, sociais e culturais” (OLIVEIRA, 2017, p. 98).

Sair de um país e ir viver em outro é uma decisão permeada por vários fatores, sejam eles econômico, cultural, de estudo ou outros. A influência de escolha do país vizinho pode estar atrelada à proximidade geográfica ou pela ligação econômica. Apesar de se tratar de um tema universal e de suma importância, sua cobertura jornalística acaba esbarrando em vieses tradicionais. Produtos jornalísticos evidenciam muitas vezes o processo migratório de forma estereotipada. Dessa maneira, a partir da pauta e da mídia escolhidas para este trabalho, pretendemos entender os motivos de mudança de país por meio da economia local, pelo intercâmbio cultural e acesso à educação de estrangeiros brasileiros na América Latina. Este trabalho tem como objetivo mostrar a vida de brasileiros que estudam em instituições de Ensino Superior de seis países da América Latina, por meio de uma reportagem multimídia.

### **1.1 O BRASIL DA AMÉRICA LATINA**

A América Latina é composta por "12 países da América do Sul, sete da América Central e 14 do Caribe, ou seja, os países que estão abaixo do Rio Grande – rio que separa México dos EUA. [...] tendo como idiomas principais o português, o espanhol, o inglês e diversas línguas indígenas" (SOUZA apud ARAUJO, 2011, p. 30-31). Com passado de colonização por impérios europeus, estes países carregam similaridades culturais e históricas. Esses aspectos, na literatura histórica estrangeira, mostram a América Latina como “periferia, inferiorizada e explorada” (PINTO; FARRET, 2011, p. 31) na visão europeia e de países colonizadores, uma forma negativa e discriminatória que se observa de forma mais sutil atualmente.

Tal postura, aliada ao não reconhecimento da identidade da região pelas nações colonizadoras era visto como um problema por parte de intelectuais nacionalistas. Este paradigma, entretanto, perdurou por várias décadas do século XIX e a quem diga, que ainda persista na atualidade em países colonialistas, porém, assumindo proporções mais singelas em relação aos posicionamentos mais enfáticos da época. (SOUZA, 2011, p. 31)

Dentro da literatura histórica que explica as origens da América Latina, tanto intelectuais brasileiros quanto hispano-americanos tinham a região como um sinônimo de América Espanhola, entendendo o Brasil como parte apenas da América do Sul. A inclusão começa a partir “do posicionamento do argentino Manuel Baldomero Ugarte que defendeu a inclusão do Brasil na América Latina em seus escritos em 1910/18” (SOUZA, 2011, p. 33). No artigo "O Brasil e a ideia de 'América Latina' em perspectiva histórica", o historiador Leslie Bethell traz a perspectiva histórica de como o Brasil era “excluído” dessa América Latina, sendo mais próximo da América estadunidense, que era vista como inimiga pela América Espanhola. Segundo o autor, “[...] nenhum dos políticos, intelectuais e escritores hispano-americanos que primeiro utilizaram a expressão ‘América Latina’ [...] incluíam nela o Brasil. ‘América Latina’ era simplesmente outro nome para América Espanhola” (BETHELL, 2009, p. 293). Já para autores brasileiros, havia o reconhecimento de semelhanças, como a herança ibérica e católica, mas eles também destacavam as diferenças que separavam esses povos, como a geografia, a economia, a sociedade brasileira baseada na agricultura e escravidão, a língua e a cultura, além da colonização na América portuguesa e na América espanhola.

Diferentemente da América Espanhola, a Independência do Brasil ocorreu de forma pacífica e o país se manteve unido sob a coroa. Após a instabilidade dos anos 1830, o Brasil se encontrava politicamente estável e “civilizado”, ao contrário das repúblicas hispano-americanas, que os brasileiros consideravam violentas, extremamente instáveis e “bárbaras” (BETHELL, 2009, p. 293).

Historicamente, os governos brasileiros da Primeira República, assim como no Império não tinham interesse “[...] pelos “povos da língua espanhola” e pelas “nações latino-americanas, com exceção das disputas fronteiriças (geralmente vitoriosas) com seus vizinhos sul-americanos — como com a Argentina em 1895 e a Bolívia (pelo território do Acre) em 1903 [...]” (BETHELL, 2009, p. 297). Para os autores brasileiros e hispano-americanos que incluíam e os que ignoravam o Brasil como parte da América Latina, o país passou a ser parte dessa América entre a década de 1920 e 1930. Neste período, Estados Unidos, Europa e o resto do mundo passaram a considerar o Brasil parte da região. Ainda assim, brasileiros continuavam “a considerar que ‘América Latina’ era sinônimo de América Espanhola, que o Brasil não

pertencia à 'América Latina' e que os brasileiros não eram essencialmente “latino-americanos” (BETHELL, 2009, p. 313).

No livro “A identidade da América Latina: o projeto intelectual de Leopoldo Zea”, o historiador Luciano dos Santos (2016) apresenta as bases do pensamento e das ideias do filósofo mexicano Leopoldo Zea, idealizador de diversas produções que defendem a unidade cultural da América Latina. Segundo Santos, Zea passou a inserir o Brasil na representação de América Latina a partir da década de 1940.

[...] ele começou a identificar a cultura brasileira com a hispano-americana, pelo desenvolvimento de ações e programas em que o Brasil fazia parte como um membro da América Latina. Seus laços com a nação brasileira foram ficando cada vez mais fortes: com a realização de projetos em comum com intelectuais brasileiros; com a tradução de clássicos do Brasil para a língua espanhola; com o incentivo à criação de instituições de abrangência subcontinental. Todas essas ações buscavam incorporar o Brasil à reinvenção da identidade latino-americana (SANTOS, 2016, p. 186).

Como explica o autor, o contato de Zea com o Brasil se deu, inicialmente, pela amizade com o também filósofo Cruz Costa e mais tarde com o antropólogo Darcy Ribeiro. A união com os brasileiros contribuiu para o fortalecimento do debate e estreitou as relações entre o Brasil e a América Hispânica. Com a criação de algumas instituições voltadas para temática, como o Museu da América Latina em São Paulo.

Para esses intelectuais, a irmandade latino-americana configurava, assim, um conjunto de ações e práticas de integração pela cultura que paulatinamente punha “em marcha a atividade para que o Brasil, antes mais inclinado a olhar para o outro lado do Atlântico (Europa), voltasse os olhos para a região da qual fazia parte” (SANTOS, 2016, p. 186, apud ZEA, 1996b, p. 8).

A professora e historiadora, Maria Ligia Prado, no texto “O Brasil e a Distante América do Sul” elenca alguns dos motivos que levaram ao distanciamento político e cultural entre o Brasil e os demais países da América Latina de colonização espanhola. A síntese da autora é baseada em dois momentos históricos brasileiros. O primeiro diz respeito à construção do Estado Nacional e das conseqüentes definições de seu território (PRADO, 2001). O segundo é sobre a República, instaurada no fim do século XIX. O recorte de países, além do Brasil, abrange a Argentina e o Uruguai. No começo da análise, Prado traz à luz a justificativa usada para esta distância entre os países: a cultura brasileira “está profundamente marcada por uma tradição eurocêntrica, responsável, portanto, pelo fato do país estar de olhos postos na Europa e de costas para a América Latina” (PRADO, 2001). Entretanto, para a historiadora esse fenômeno apontado é genérico. Além disso, ela cita que:

Algumas constatações sobre o passado histórico das duas Américas — a Portuguesa e a Espanhola - são também inelutáveis. As metrópoles ibéricas desenharam limites não apenas geográficos, mas também culturais e políticos que dividiram suas colônias e criaram interesses econômicos e sociais específicos para cada região. E as independências não solucionaram esse impasse e não promoveram a tão proclamada necessidade de união entre todos os americanos do sul. (PRADO, 2001, p.1).

As ideias apresentadas dão uma dimensão da complexidade da temática, estudada há muitos anos, mas que ainda não encontra uma verdade absoluta entre os estudiosos do campo. Para Prado (2001) “o Brasil é, e ao mesmo tempo não é, América Latina”, ainda que atualmente o país seja considerado parte da América Latina.

## 1.2 MIGRAÇÃO E MOBILIDADE ESTUDANTIL

Economicamente, o Brasil se aproxima de outros países latinos, principalmente com os da América do Sul, por meio do Mercado Comum do Sul (Mercosul), que inclui o Brasil, a Argentina, o Paraguai, o Uruguai e a Venezuela (atualmente suspensa) como estados parte. Além destes, estão estados associados: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname. O Mercosul

[...] é oriundo dos programas bilaterais de 1986 entre Brasil e Argentina, estabelecido a partir do Programa de Integração e Cooperação Econômica Brasil Argentina (PICE), que possuía características de integração tanto econômicas como políticas. Surge como uma união aduaneira constituída de uma aliança comercial visando dinamizar a economia regional, instaurado a partir do Tratado de Assunção (1991) [...] (RODRIGUES, 2016, p. 2).

A questão cultural passou a fazer parte da agenda da organização no final dos anos 1990, “mas de forma mais retórica do que prática”, como aponta Maria Soares no artigo "A diplomacia cultural no Mercosul".

O patrimônio cultural dos países, pouco conhecido pelos demais, não tem sido utilizado para construir pontes entre seus povos, relações de confiança e estimular o diálogo. Os cidadãos conhecem superficialmente as culturas de seus próprios países e desconhecem, quase totalmente, os patrimônios histórico, material e intangível de seus vizinhos. A reduzida informação que possuem têm como fontes principais o turismo, as raras matérias publicadas na grande imprensa ou transmitidas pela TV ou o futebol, paixão nacional nos quatro países (SOARES, 2008, p. 54)

Ainda assim, o bloco promove direitos e benefícios entre seus residentes, como o acordo sobre documentos de viagem, acordo de residência, acordo multilateral de seguridade social e integração educacional. Estima-se que 520.871 brasileiros viviam em países da América do Sul e México em 2018<sup>1</sup>. Dos seis países em que os perfilados estudam, o que mais tem brasileiros é o Paraguai, com 235.670, seguido de Argentina (64.700), Bolívia (45.923), Colômbia (17.856), México (15.000) e Chile (12.196). O Paraguai é também o segundo país com maior comunidade brasileira, atrás somente dos Estados Unidos, que tem 1.638.000. No ano de 2020, 20.924<sup>2</sup> com residência tributária no Brasil (o que pode incluir estrangeiros) declararam saída permanente do país, como indica dado repassado pela Receita Federal.

Os fluxos migratórios tiveram papel fundamental na formação das sociedades atuais ao redor do mundo. Na América Latina, por exemplo, a miscigenação de povos é somente um dos diferentes reflexos desse movimento. A migração, assim como os termos derivados “imigração” e “emigração” são processos constantes e um dos fenômenos sociais mais significativos do mundo contemporâneo (NOLASCO, 2016). Para além do simples conceito de deslocamento populacional de um lugar para o outro, a prática de migrar é complexa, como ressalta o pesquisador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrado ao Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz, Carlos Nolasco (2016). No artigo "Migrações Internacionais: Conceitos, tipologia e teorias", Nolasco aponta que,

Tratando-se de um fenômeno simultaneamente espacial e temporal, todas as definições do que são migrações são arbitrárias, na medida em que não há consenso relativamente à amplitude geográfica a percorrer, nem à duração da permanência no destino, nem tão pouco às consequências sociais implicadas no movimento para que o mesmo possa ser considerado como migratório. Por consequência, as definições de migrações revelam-se insuficientes na aspiração de cobrir todas as dimensões e facetas de um fenômeno tão heterogêneo (NOLASCO, 2016, p. 3).

O autor ainda conclui que os movimentos migratórios englobam uma enorme diversidade de formas, podendo ser temporárias; permanentes; legais; irregulares; espontâneas; forçadas; trabalhadores indiferenciados; especialistas altamente qualificados; reagrupamento familiar; mobilidade estudantil; migrantes em trânsito; migrantes retornados, entre outros (NOLASCO, 2016). Segundo Rosa Pérez Perdomo, no artigo "Os efeitos da migração", “a migração intencional na América Latina e Caribe é um processo social de profundas raízes

---

<sup>1</sup> Brasileiros no Mundo - Estimativas. Ministério das Relações Exteriores, 2019.

<sup>2</sup> Número de declarações de saída definitiva do país entregues à Receita Federal em 2020.

históricas” (PERDOMO, 2006, p.1) e, ainda, uma modalidade de inter-relação entre os países da região.

As pessoas que emigram levam consigo sua própria cultura, hábitos, costumes, religião, crenças e estados de saúde, sendo alguns destes geneticamente preestabelecidas. Do ponto de vista social, o emigrante tem de adotar um novo ambiente social e cultural que o pode levar a redefinir seu sistema de valores. A perda das redes de apoio social e o isolamento ou marginalização, aliados à dificuldade de adaptação a culturas e valores diferentes aos de seu lugar de origem, podem dificultar o processo de aculturação. Outras variáveis sociais que podem agravar este processo são as barreiras de linguagem, os preconceitos sociais e étnicos, o desamparo jurídico e institucional.” (PERDOMO, 2006, p. 2 *apud*, GRONDIN, 2004).

Segundo estimativas do Relatório de Migração Global 2020, realizado pela Organização Internacional para Migrações (OIM), o número de migrantes internacionais no mundo atualmente chega a cerca de 272 milhões. “No primeiro relatório do tipo, publicado no ano 2000, os migrantes internacionais representavam 2,8% da população global, com 150 milhões. Em 20 anos, este índice pulou para 3,5%, com um aumento de 122 milhões” (ONU NEWS, 2019)<sup>3</sup>. Os dados dimensionam como o deslocamento de pessoas cresceu nos últimos anos. Conforme o Ministério das Relações Exteriores (MRE), 3.590.022 milhões de brasileiros viviam em outras regiões do mundo em 2018.

Entre as diversas razões para migrar, como questões econômicas ou culturais, o estudo é também uma motivação para se deslocar a outro país. Conforme apresentam as educadoras Ballerini e Silva (2015), a mobilidade estudantil mostra-se como uma oportunidade de interligar estudantes, técnicos e professores brasileiros e estrangeiros tanto dentro como fora do país em nível de graduação e pós-graduação (BALLERINI; SILVA, 2015, p. 199). Ambas ressaltam que “o próprio acesso e permanência cada vez mais democrático nas universidades brasileiras acabam fazendo com que haja um inflacionamento dos diplomas e uma das saídas encontradas seria a experiência estudantil e/ou laboral no exterior” (BALLERINI; SILVA, 2015, p. 206). Ainda no artigo, as autoras falam sobre o processo de globalização e de como ele contribuiu para a intensificação do processo de migração.

Esses, sobretudo os universitários, são apontados como tendo um papel preponderante no desenvolvimento de seus países tanto na questão cultural como social. Portanto, “nessa mobilidade de estudantes internacionais, não circulam somente pessoas, circulam ideias. Elas favorecem o intercâmbio de expressões, saberes e signos de regiões e culturas”, bem como de “instrumentos de trabalho e mercadorias de consumo, sendo um mecanismo importante à manutenção transnacional (BALLERINI; SILVA, 2015, *apud* ZAMBERLAM et al, 2009, p. 37).

---

<sup>3</sup> Número de migrantes internacionais no mundo chega a 272 milhões. <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696031>

A imigração estudantil, geralmente, não é encarada como parte de um movimento migratório permanente, já que, grande parte das pessoas que migram para estudar fora se deslocam por um período pré-determinado. Apesar de também ser considerada como mais uma modalidade de migração. Países como Paraguai, Argentina e Bolívia atraem diversos estudantes brasileiros que buscam formação profissional, predominantemente em cursos da área da saúde. Tal mobilidade internacional é explicada por fatores econômicos, pois, grande parte das instituições estrangeiras na América Latina oferecem graduações com custo mais baixo ou quase nulo.

De acordo com o estudo Demografia Médica no Brasil<sup>4</sup>, em 2020, o país tinha, até outubro, 357 escolas médicas, que oferecem um total de 37.823 vagas na graduação, sendo 28.081 em instituições privadas e 9.742 públicas. Além de vestibulares concorridos, a distribuição das vagas geograficamente e o valor das mensalidades são algumas questões para quem pensa em ingressar no curso no Brasil. A maior parte da oferta está na região Sudeste, que concentra 17.404 das vagas (46% do total). Em seguida, vem o Nordeste com 8.943 vagas (23,6%), Sul com 5.332 (14,1%), Centro-Oeste com 3.131 (8,3%) e Norte com 3.013 vagas (8%). Com maior oferta em universidades privadas, o vestibulando aprovado deve desembolsar em média R\$ 8.722 de mensalidade, segundo levantamento do Instituto Semesp encaminhado por email, referente a 2020.

Segundo o balanço das inscrições e dos resultados do segundo semestre de 2019 do Sistema de Seleção Unificada (Sisu)<sup>5</sup>, o curso de Medicina se configurava no topo dos mais procurados entre os candidatos. Eram 169.711 inscrições para 1.446 vagas, uma média de 117,37 inscrições por vaga. Os números mostram como o curso é concorrido tanto na rede pública quanto na particular e exemplificam o que move esses estudantes para outros países. Dessa maneira, muitos brasileiros enxergam na migração estudantil uma alternativa de ter aquilo que não encontraram ou conseguiram no Brasil.

### **1.3 PANDEMIA DE COVID-19**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em março de 2020, que o surto da doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, covid-19, se caracterizava como uma

---

4 Demografia Médica no Brasil 2020. [https://www.fm.usp.br/fmusp/conteudo/DemografiaMedica2020\\_9DEZ.pdf](https://www.fm.usp.br/fmusp/conteudo/DemografiaMedica2020_9DEZ.pdf)

5 Dados do SISU 2019, disponível no site <https://sisu.mec.gov.br/>



pandemia: “Uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional” (OPAS, 2020). Segundo dados da Folha Informativa Covid-19<sup>6</sup>, da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e da OMS, o número total de casos confirmados no mundo era de 135.646.617 e 2.930.732 mortes, até 11 de abril de 2021.

Com a gravidade da proliferação do vírus, os países impuseram medidas restritivas para conter o número de casos e óbitos. O período exigiu (e exige) adaptação das rotinas de todo mundo, como o uso de máscaras, álcool em gel e isolamento social. Na parte educacional, em meio a *lockdowns* e limitação de circulação, as instituições de ensino tiveram como alternativa o ensino remoto. Para os brasileiros no exterior ocorreu uma readaptação, já que em um primeiro momento houve a adaptação cultural no país estrangeiro e em seguida veio a adequação à realidade da pandemia na nova casa. O período de pandemia trouxe a preocupação com os familiares que estão longe, mas também permitiu que os estudantes no exterior pudessem retornar ao Brasil e continuar acompanhando as aulas a distância.

O ano de 2020 foi marcado por incertezas e a espera pela vacina. Para 2021, o cenário ainda é de incertezas e com a preocupação adicional das novas variantes, entretanto, há um processo de vacinação ocorrendo no mundo. No Brasil, a vacinação teve início em janeiro e até 12 de abril, 11% da população já havia recebido a primeira dose, de acordo com o Mapa da Vacinação do G1<sup>7</sup>. Ainda em 12 de abril, o país registrava 13.482.023 casos confirmados e 353.137 óbitos pela Covid-19, segundo dados do Ministério da Saúde.

Nos países onde os perfilados estudam, até o dia 12 de abril de 2021, o cenário da pandemia era o seguinte:

- Na Argentina, são 2.517.300 casos confirmados e 57.647 mortes.
- Na Bolívia, são 281.570 casos confirmados e 12.442 mortes.
- O Chile registra 1.076.499 casos confirmados e 24.346 mortes.
- A Colômbia tem 2.518.715 casos confirmados e 65.608 mortes.
- No México, o registro é de 2.278.420 casos confirmados e 209.212 mortes.
- Já no Paraguai, são 233.745 casos confirmados e 4.749 mortes.

---

<sup>6</sup> Situação epidemiológica da pandemia no mundo. <https://covid19.who.int/>

<sup>7</sup> Mapa da vacinação contra Covid-19 no Brasil. <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

Com isso, este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta seis perfis de brasileiros que migraram para estudar em instituições de ensino superior em países da América Latina. Partindo do entendimento de que essa temática possui uma importância significativa diante da sociedade. Através de uma reportagem multimídia publicada em uma plataforma digital, busca-se entender como esses brasileiros se inserem no cotidiano dos países estrangeiros e, também, conhecer suas vivências como imigrantes. Dentro disso, o trabalho traz o contexto da pandemia da Covid-19, que além da preocupação envolvendo a saúde trouxe outras questões que afetam a rotina desses alunos, como o isolamento social e ensino remoto. A escolha foi feita a partir da observação das mudanças que a pandemia trouxe para as autoras como alunas da graduação em tempos pandêmicos.

## **2 JUSTIFICATIVA**

### **2.1 ESCOLHA DA PAUTA**

O interesse pela cultura latina sempre foi algo presente em nossas vidas, já que, ambas cresceram em regiões turísticas do litoral catarinense e a convivência com os *gringos* nas temporadas de verão fortaleceu ainda mais nossa curiosidade sobre a temática. Ao conversarmos sobre nossas ideias, resolvemos alinhar nossas afinidades em comum e, no segundo semestre de 2019, durante a disciplina de Planejamento de TCC, definimos que faríamos nosso trabalho em dupla. Naquela época, nosso plano era viajar até a Argentina para produzir uma reportagem multimídia sobre a vida de brasileiros que moram lá. Tínhamos o desejo de entender os motivos da mudança de país, como é o intercâmbio cultural, o dia a dia na economia local e o acesso à educação superior do outro lado da fronteira.

No entanto, em março de 2020, enquanto nos organizávamos para viajar e com as passagens já compradas, fomos surpreendidas com o surgimento dos primeiros casos de infecção pela Covid-19 no Brasil e na Argentina. Com as medidas de restrições adotadas pelos países para conter o avanço da doença, ficou inviável manter a nossa viagem, marcada para o dia 21 do mesmo mês. Sem saber como a pandemia se desenvolveria, inicialmente, cogitamos manter o plano e realizar o trabalho nos meses seguintes, o que acabou não dando certo.

No decorrer dos dias, os números de infectados e de mortos crescia, mostrando que a pandemia não estava controlada e poderia durar mais do que imaginávamos. Dado o cenário, a

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) anunciou a suspensão das aulas presenciais, situação que durou alguns meses até o retorno em agosto de 2020 de forma totalmente remota. Com a volta das atividades de ensino na instituição, começamos a avaliar as possibilidades de abordar novos assuntos nas limitações de isolamento. O apego sobre migração e América Latina se manteve firme.

Então, escolhemos tornar o tópico Educação em tema principal deste novo trabalho, que na ideia inicial seria tratado de forma secundária. Em nossas conversas pessoais e com amigos que vivem e estudam fora, pensamos que seria interessante manter a ideia de conversar com brasileiros que migraram para algum país latino. Desta vez, ampliando o recorte para outros países, além da Argentina, já que o trabalho remoto possibilitaria a execução. Além disso, observando os efeitos do Coronavírus nas nossas vidas pessoais e acadêmicas, tivemos isso como gancho também para procurar nossas fontes e ir adaptando o novo assunto, fechando-o em alunos brasileiros que estudam em instituições de ensino de países latino-americanos.

O intuito era conhecê-los, saber como é a vida em um país estrangeiro e entender os impactos da pandemia na rotina e na educação. Dentro disso, o trabalho traz o contexto da pandemia da Covid-19, que além da preocupação envolvendo a saúde trouxe outras questões que afetam a rotina desses alunos, como o isolamento social e ensino remoto. A escolha foi feita a partir da observação das mudanças que a pandemia trouxe para nós, como alunas da graduação. Com isso, ampliamos a questão das vivências no Ensino Superior para abordar a migração e o momento histórico da pandemia, como um registro desse período.

Como futuras jornalistas, acreditamos que o assunto é de interesse público e deve ser tratado, porque o processo migratório compõe o cotidiano de centenas de pessoas mundialmente e, também, se mostrou e continua sendo fundamental nas formações e mudanças nas sociedades desde os primórdios da interação social. Além disso, abordar a vida de brasileiros além da fronteira é significativo não só para aqueles que migram para fora do Brasil, mas também para os que aqui vivem.

## **2.2 FORMATO MULTIMÍDIA**

“Entende-se por formatos de linguagem multimídia convergentes, aqueles compostos por linguagem textual, sonora e/ou visual, como arquivos de imagens em movimento e estáticas, representação textual e arquivos de som” (LONGHI, 2010, p.153). Com o objetivo

de explorar os diferentes formatos de jornalismo informativo dentro do nosso trabalho, optamos por escolher a narrativa multimidiática, a fim de promover também um alcance maior de acesso pelo público. Segundo Longhi (2010, p. 149), “as narrativas multimidiáticas no webjornalismo têm se desenvolvido de maneira exponencial, num crescimento estimulado pelos avanços técnicos de hardware e software”. Dessa forma, para a publicação online da reportagem, tínhamos como opção o Readymag e o Shorthand, indicados pela orientadora. Ambas as plataformas oferecem recursos que se encaixam com o que buscamos, um espaço para os textos e as fotos de forma organizada e sem “poluição” durante a leitura. Por isso, optamos por colocar o material no Shorthand, que possibilita também a leitura adaptada para dispositivo móvel. A escolha da plataforma online é uma alternativa para a distribuição da reportagem depois de avaliada, para fontes e demais interessados no tema, podendo chegar a mais pessoas. A reportagem foi publicada através do link:

<https://jornalismoufsc.shorthandstories.com/sonhosperegrinos/index.html>.

### **2.3 PERFIL EM TEXTO E JORNALISMO LITERÁRIO**

Entre os vários formatos jornalísticos para produzir uma reportagem, julgamos que o formato em texto é o mais adequado para o tema e para os perfis das personagens que compõem a reportagem, levando em consideração as limitações geradas pela pandemia (entrevistas a distância) e permitindo trazer detalhes por meio da escrita. Mazzi (2013) reúne algumas definições de autores para a reportagem perfil, como a de Sodré e Ferrari (1986), em que o perfil é o texto que “enfoca o protagonista de uma história (sua própria vida)”, e a de Steve Weinberg, que se refere a esse estilo como biografia de curta duração. Já para Paniago (2017), a reportagem perfil é

Um texto que se detém naquilo que deveria ser a essência do relato jornalístico — o ser humano em sua trajetória através da vida —, com destaque não para os eventos nos quais esse humano se envolve, mas para a visão de mundo que a pessoa certamente possui [...] (PANIAGO, 2008, p. 25).

No presente trabalho, buscamos mostrar a vida cotidiana por meio da trajetória dos perfilados nas limitações da pandemia e suas visões dentro dela, mostrando elementos da rotina e vivências. O perfil jornalístico é baseado no processo “autor - perfilado - autor - perfil - leitor”. Os perfis cumprem um papel importante que é a preocupação com a experiência do outro” (SILVA, 2010, p. 408-409). Seguindo esse processo, a construção da reportagem com perfis

pode trazer elementos da literatura na prática jornalística. A união das duas áreas, que têm fundamentos próprios, pode “encontrar mecanismos comuns de se beneficiarem”, segundo Paniago (2008). Para o autor, o texto está dentro da produção jornalística, com valores como fidedignidade, veracidade e apuração, mas durante a produção textual “[...] certas técnicas literárias podem ser solicitadas, com benefício para a qualidade final da matéria apresentada ao crivo do leitor” (PANIAGO, 2008, p. 6)

Ainda sobre o conceito de jornalismo literário, Pena (2006) coloca que este é amplo e pode potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassando os limites dos acontecimentos cotidianos. Além disso, o jornalismo literário pode “[...] proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.” (PENA, 2006, p. 6).

A escolha pelo perfil jornalístico é baseada no interesse em retratar a vida cotidiana, ouvir o sujeito comum que lida com as questões do dia a dia e retratar isso com aspectos literários. Entendemos que com o TCC podemos explorar mais essa área, com textos longos, entrevistas aprofundadas e olhar para personagens do cotidiano, o que observamos que tem espaço em poucos veículos.

## 2.4 ENTREVISTA

A construção dos perfis foi feita a partir de entrevistas e relações que se desenvolvem com as fontes. De acordo com Lage (2001), as entrevistas do presente trabalho podem ser categorizadas como testemunhais, do ponto de vista dos objetivos. Isso porque, temos com elas relatos de algo que a fonte participou ou assistiu, como a pandemia e seus efeitos, principalmente em 2020. Além disso, eles acrescentam suas visões acerca do acontecimento em suas vidas e no mundo em geral.

[...] A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações. Em geral, esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas (LAGE, 2001, p. 33).

Já do ponto de vista das circunstâncias, as entrevistas deste trabalho podem entrar na categoria dialogais, que para o autor são quando “entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a

esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (LAGE, 2001, p.34). Nos perfis da reportagem, buscamos entender os efeitos da pandemia na vida estudantil dos entrevistados, mas mais do que isso buscamos conhecer o contexto de vida da pessoa, a rotina antes do coronavírus, as relações familiares, os *hobbies* e os objetivos para o futuro. A única parte da descrição das entrevistas dialogais que não cabe no presente trabalho é quando Lage fala do ambiente de entrevista, pensando nas conversas presenciais, o que não ocorreu para a construção da reportagem, que foi realizada totalmente a distância.

Ainda no processo de entrevistas, como as conversas foram longas e ocorreram de forma virtual, buscamos criar uma relação e um ambiente em que os entrevistados se sentissem confortáveis em contar sobre suas vidas, a fim de obter boas histórias e detalhes. Para isso, optamos por adotar uma postura que “[...] presta atenção mas interfere o mínimo possível” (LAGE, 2001, p. 25-26), em que na maior parte do tempo escutamos sem interferências, fazendo novas perguntas ou tirando dúvidas sobre o que foi dito assim que o entrevistado termina sua fala.

Depois das entrevistas, para buscar novas ou mais informações, o contato com as fontes ocorreu por mensagens escritas em meios digitais, tais como WhatsApp, Twitter e Facebook. Essas breves entrevistas por texto em meios digitais têm suas limitações, como aponta Cavalcanti (2005).

Se por um lado a entrevista eletrônica ganha em agilidade, por outro, em termos de conteúdo adicional, ela perde por não permitir que o entrevistador e o entrevistado tenham acesso a propriedades que teriam em uma entrevista convencional, como, por exemplo, expressões faciais e entonações de voz. (CAVALCANTI, 2005, p. 5)

Entretanto, as entrevistas por email e meios digitais mostram que, teoricamente, não existem limites geográficos para fazer uma entrevista e não há a necessidade de entrevistador e entrevistado estarem próximos. Isso é apresentado por Cavalcanti (2005) citando a conclusão do ensaio *Using e-mail as a research tool* de Frederick Van Amstel.

### **3 DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO**

#### **3.1 DEFINIÇÃO DE PAUTA E PLANEJAMENTO**

Com as incertezas relacionadas à pandemia, precisamos definir uma nova pauta e fazer novos planejamentos para um semestre mais curto, já que não seria possível realizar a pauta desenvolvida na disciplina Planejamento de TCC. Em agosto de 2020, a UFSC já havia divulgado a data de volta das aulas. Assim, conversamos e decidimos fazer perfis sobre alunos brasileiros que estudam em instituições de ensino superior de países latino-americanos. Buscamos alguns pontos centrais que guiaram as entrevistas e a redação dos perfis. São eles: a vida e as vivências no Brasil; o período de adaptação no outro país; as experiências no cotidiano estrangeiro; as questões educacionais e culturais; e os efeitos da pandemia na rotina.

Em seguida, com auxílio da orientadora, organizamos um planejamento para desenvolver a nova pauta. A pesquisa sobre o tema foi realizada em agosto de 2020. Em agosto, setembro e dezembro foram realizadas as entrevistas com os perfilados. Entre janeiro e março de 2021, os textos dos perfis foram escritos e de março a abril a reportagem foi editada na plataforma online. O processo foi dividido em apuração, redação e edição, detalhados nos tópicos a seguir.

### **3.2 APURAÇÃO E ENTREVISTAS**

Em agosto, com tema e cronograma definidos, buscamos notícias relacionadas à pandemia na América Latina, como ficaram as aulas com o distanciamento, em especial nas universidades, e como brasileiros que estudam no exterior foram afetados. Para chegar às fontes usamos o Facebook para entrar em grupos de brasileiros em países da América Latina, observando postagens e comentários com relatos. Além disso, fizemos publicações nos grupos para encontrar mais entrevistados. Fora os contatos através da rede social citada, pessoas conhecidas indicaram possíveis fontes que se encaixavam no que buscávamos.

As entrevistas foram realizadas entre agosto e setembro por videochamadas via Skype e Google Meet, e foram gravadas pelo Stream Labs OBS e com o gravador do celular. As conversas duraram de uma a duas horas e meia com algumas conversas posteriores por mensagem de texto. Nessas entrevistas, buscamos conhecer a vida das pessoas antes de ir para o exterior e lá, como é ser estrangeiro, as diferenças culturais, a rede de apoio e as mudanças na rotina por conta do Coronavírus. Em agosto de 2020, conversamos com a Juliane, o André, a Emanuela e a Karine. Em setembro, foram entrevistados o Alex, a Sofia e a Michele. Já em dezembro, conversamos com a Fernanda. Além das entrevistas, mantivemos contatos

esporádicos com as fontes para acompanhar o decorrer da pandemia na rotina e os planos futuros.

Todas as entrevistas foram importantes para entender o contexto dos estudantes brasileiros no exterior durante a pandemia, que foi o gancho para a reportagem. As histórias de vida de cada um têm suas singularidades, ainda assim, muitos relatos eram similares, principalmente em relação à vivência no exterior. Por isso, optamos por desenvolver seis perfis que tiveram relatos mais aprofundados dentro das entrevistas, com mais detalhes de situações e vivências. São os perfilados:

- André Neves, 26 anos, estudante de Medicina na Bolívia. Natural de Rondônia, o estudante foi para o país vizinho em 2013 buscando o objetivo de ser médico. Com curso técnico em Enfermagem no Brasil, ele tem o apoio da família para se manter fora e apenas estudando. Por problemas relacionados à solidão e episódios de ansiedade, ele trancou o curso por dois anos e voltou ao Brasil, onde trabalhou como frentista. Em 2020, André retornou à Bolívia para concluir os últimos anos do curso. Com a pandemia, algumas disciplinas práticas foram canceladas e ele avalia fazer os dois anos de internato em alguma instituição brasileira. Em agosto de 2020, ele conseguiu retornar ao Brasil e atualmente faz as aulas de forma remota.
- Karine Martins, 23 anos, estudante de Administração de uma instituição de ensino brasileira em Curitiba, fez o último ano da graduação na Colômbia, para uma dupla diplomação. Mudou-se em janeiro de 2020 para Medellín com o namorado e conheceram pouco da cidade por conta da pandemia. Lá ela também passou por situação constrangedora ao ser confundida com uma asiática. Pensava em voltar logo para o Brasil, observava machismo e até preconceitos onde vivia.
- Emanuela Caciatori, 24 anos, estudante de mestrado em Direitos Humanos no México. Natural de Criciúma (SC), a mestranda se formou em Direito em 2019 e na metade do mesmo ano se mudou para San Luis Potosí, no México, onde iniciou o mestrado na Universidad Autónoma de San Luis Potosí (UASLP). Com a pandemia, o calendário acadêmico foi alterado e ela não pôde realizar um intercâmbio planejado para a Universidade de São Paulo (USP) nem viajar para encontrar os pais nas festas de fim de ano. Isolada, ela passou a utilizar seu perfil no Instagram para fazer posts e lives com temas ligados ao direito, organização dos estudos e literatura.
- Alex Moreira Roberto, 33 anos, estudante de doutorado em Educação no Chile. Ele teve poucas experiências no país estrangeiro, já que ainda no início da pandemia retornou



ao Brasil, onde vive com o marido. Com bolsa, ele segue as aulas online e pretende retornar em 2021 para o Chile. No Brasil, foi criado pelos tios e desde cedo trabalhou para ter independência. Formado em Pedagogia por uma instituição particular, percebeu preconceitos de colegas ao longo da graduação por ser bolsista. Além da graduação, tem mestrado em gestão de educação pública e sempre esteve ligado aos temas educacionais, trabalhando em secretarias de educação em municípios de São Paulo.

- Michele Lopes, 37 anos, estudante de Instrumentación Quirúrgica na Argentina. Ela se mudou em 2018 para o país vizinho para viver com o então namorado, atual marido. No Brasil, trabalhava como comissária de bordo e chegou a cursar enfermagem sem concluir por conta da rotina de trabalho. Tentou retomar o curso na Argentina, mas percebeu que lá a profissão era diferente do que conhecia no Brasil e optou por mudar de curso. O novo curso foi iniciado em 2020, de forma remota. Na Argentina, além de estudar, Michele trabalha com serviços estéticos e diz sentir dificuldade para mostrar seu potencial ou ter oportunidades na área em que estuda.
- Fernanda Waitman, 32 anos, estudante de Medicina no Paraguai. Formada em Farmácia e mestre em Química em instituições brasileiras, Fernanda partiu com o marido e a filha para o Paraguai para realizar o sonho de ser médica após se sentir frustrada com a carreira em drogarias. No país vizinho, teve sua segunda filha e abriu uma hamburgueria, que é a principal fonte de renda da família. Com a pandemia e as incertezas financeiras, trancou o curso por um período e voltou para a casa da família no Brasil, retornando ao Paraguai sete meses depois. Utiliza as redes sociais para compartilhar suas experiências como estudante de medicina no Paraguai e ajudar quem pretende estudar no país.

Para compor as informações com dados, buscamos informações em notícias já publicadas sobre os assuntos abordados, como a marcha de 8 de março no México, questões da pandemia e fronteira nos países, a migração de brasileiros para estudar medicina fora, entre outros. Também analisamos dados e documentos para compor a apuração, como o censo argentino, a demografia médica no Brasil, o valor das mensalidades do curso de Medicina e o número de brasileiros no exterior.

Os dados que não foram encontrados de forma online foram solicitados por email ou pedido de acesso à informação. No contato com o Itamaraty, o documento mais recente com o número de brasileiros fora é de 2018. Assim, tentamos buscar informações mais atualizadas com as embaixadas e até com a Receita Federal, que registra as declarações de saída do país,

mas nessas fontes ou não tivemos retorno ou não tivemos as respostas para as perguntas. No contato com as universidades e ministérios da educação dos países onde estudam os perfilados, também não obtivemos um retorno com o número de estudantes brasileiros no país e instituição.

### **3.3 REDAÇÃO**

Em 1992, o colombiano Gabriel García Márquez lançou o livro *Doze Contos Peregrinos*, em que conta casos de latinoamericanos vivendo na Europa. O título, assim como o autor, serviu de inspiração para a redação e título da reportagem, pela forma de condução das narrativas das vivências cotidianas dos peregrinos. A palavra ‘sonhos’, que também entra no título, representa a intenção dos peregrinos perfilados na reportagem, que migraram em busca de uma realização.

A redação dos textos teve início em janeiro de 2021. Ao longo do processo, conversamos e levantamos pontos que seriam interessantes destacar em cada perfil, além de outros dados que poderíamos buscar de fora para contextualizar informações do texto. O trabalho foi todo compartilhado e os perfis foram construídos a partir de conversas e voltas constantes aos vídeos das entrevistas. Para o texto de abertura, buscamos contextualizar os elementos que compõem a reportagem, que são a imigração, o ensino e a pandemia na América Latina. Ao fim da escrita dos perfis, eles eram encaminhados para a orientadora, que devolvia o material com correções e apontamentos. Após as modificações e vista da orientadora, iniciamos o processo de edição na plataforma online, no fim de março e começo de abril.

### **3.4 EDIÇÃO**

Na plataforma, a página de entrada conta com um painel com o título da reportagem e abaixo o texto de abertura, que é acompanhado de três infográficos. Ao final, há um menu clicável que direciona para cada texto de perfil. Algumas fontes enviaram poucas fotos, em comparação com as outras, por isso, ao longo da reportagem há fotos de banco de imagens, Google Street View e gifs da entrevista para compor a parte visual. Também foram utilizados recursos de vídeos de arquivo dos entrevistados e áudio das entrevistas. Já as artes foram feitas no site Canva.

Cada perfil tem um painel com o título do texto, identificação das autoras e uma imagem colorida com recortes de uma foto do perfilado e elementos relacionados a ele. Para Emanuela, os elementos são livros e flores, objetos presentes em sua vida e redes sociais. Para o André, estetoscópio e ambulância, que representam seus interesses com a graduação. Alex tem um mapa e livros, que simbolizam os impactos da educação em sua vida. Fernanda tem comprimidos e uma prancheta com receita, que representam sua profissão. Michele tem um avião e uma máscara para mostrar sua relação com a área da saúde e também sua antiga carreira na aviação. Já Karine tem o globo, uma prancheta e uma calculadora, que representam sua carreira na administração.

Os textos seguem um padrão de diagramação. A primeira parte, com informações da pessoa e contextualização de sua vida no Brasil, o texto é centralizado na página, com eventuais elementos como fotos ou link de postagem no Instagram. Na segunda parte dos textos, que falam das vivências no país estrangeiro, uma animação mostra um meio de transporte que leva da cidade de origem até a nova cidade. Nessa parte, o texto fica do lado esquerdo dividindo espaço com as fotos, que vão passando com a rolagem da página, ou com informações em box. Por fim, fotos com as bandeiras dos respectivos países levam à última parte do texto, novamente centralizado, que foca na vida durante a pandemia, com fotos e outros elementos. Na versão mobile, a posição do texto não se altera, ocupando sempre toda a tela. No processo do trabalho no Shorthand, a orientadora acompanhou a diagramação com sugestões e auxílio nas ferramentas da plataforma. A reportagem foi publicada na plataforma através do link <https://jornalismoufsc.shorthandstories.com/sonhosperegrinos/index.html>.

#### **4 RECURSOS**

Para a realização deste trabalho utilizamos equipamentos pessoais que já possuíamos antes da produção, como *notebooks* e celular, e optamos por plataformas e programas gratuitos para desenvolver as entrevistas e edição de forma online.

Visto que os processos de apuração e edição se desenvolveram em meio à pandemia do novo Coronavírus, em que as medidas de segurança incluem isolamento social, não tivemos gastos com deslocamento ou hospedagem. As gravações das entrevistas foram realizadas com programas gratuitos, como Skype e Google Meet para chamadas e StreamLabs OBS para gravação de tela. Dessa forma, não precisamos utilizar câmeras, microfones e gravadores, a exceção do uso de um celular para gravar o áudio das entrevistas, como forma de ter mais um

registro caso a gravação da tela apresentasse falhas. Já as fotos que compõem a reportagem são de arquivo pessoal dos entrevistados, não exigindo recursos nossos.

Dessa forma, os custos para a realização do presente trabalho de conclusão foram:

ITEM	VALOR APROXIMADO
Notebooks (2)	R\$ 4.500,00
Celular (1)	R\$ 1.500,00
Trabalho gráfico	R\$ 0
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 6.000,00</b>

Levando em consideração a primeira ideia de TCC, os custos ficariam da seguinte forma:

(2) Passagens	R\$1.000,00	Recurso próprio
(2) Hospedagem (10 dias)	R\$ 800,00	Recurso próprio
(2) Alimentação	R\$ 500,00	Recurso próprio
(2) Transporte	R\$ 300,00	Recurso próprio
Câmera Canon t5i	R\$ 2.300,00	Recurso próprio
Câmera	0	Emprestada pelo Departamento
(2) Celulares	R\$ 2.500,00	Recurso próprio
(2) Notebook	R\$ 4.500,00	Recurso próprio
Lapela e tripé	R\$ 100,00	Recurso próprio
Cartão de memória	R\$ 60,00	Recurso próprio
<b>Valor total</b>	<b>R\$ 12.060,00</b>	

## 5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

A primeira e principal dificuldade no processo de realização do TCC foi a pandemia da Covid-19. O trabalho planejado no último semestre de 2019 seria gravado em março, na Argentina, justamente no mês em que foi declarado o estado de pandemia. Com as incertezas do período, sem aulas, questões familiares e isoladas, optamos por realizar o trabalho planejado nos meses seguintes, na esperança de uma melhora no cenário. Em julho, quando se planejava o retorno do semestre letivo e as previsões ainda não apontavam um controle do vírus, decidimos abrir mão do primeiro tema e passamos a discutir novas opções de trabalho que se adequassem ao momento e aos nossos interesses. Em conversas com amigos e pesquisas, optamos pelo tema atual, mantendo a América Latina como cenário e ampliando da Argentina para outros países. O tema também foi fechado para falar de estudantes de ensino superior e suas experiências ao longo de 2020, escolha feita a partir da observação das mudanças que a pandemia trouxe para nós como alunas de um curso de graduação, além de ser um registro do momento histórico a partir do olhar ao cotidiano dos perfilados.

Depois, as dificuldades se apresentaram ao longo do processo do trabalho em diferentes pontos. As entrevistas de modo virtual, no geral, mostraram-se proveitosas, mas é possível notar que alguns entrevistados demoraram mais para se sentirem confortáveis e responderem com mais detalhes. Imaginamos que em uma entrevista presencial a relação entre entrevistadores-entrevistados se desenvolveria mais facilmente, além de ser possível observar o espaço da pessoa, os gestos, entre outros elementos que ajudariam a compor a narrativa. Outra dificuldade que ocorreu foi quando a pessoa a ser entrevistada não apareceu na hora marcada e não retornou os contatos. Também houve dificuldade para receber os termos assinados e fotos, precisamos insistir para recebê-los. Ainda sobre as fotos, alguns enviaram poucos registros para o material, o que pode ser observado na reportagem. Com as questões técnicas, ocorreram problemas de conexão com a internet que travaram as ligações por breves períodos e, no caso da entrevista da Karine em específico, a gravação de tela foi interrompida e perdemos o vídeo. Esses problemas, no entanto, não comprometeram o resultado final das entrevistas.

Por fim, outra dificuldade vivenciada ao longo do processo do TCC foi o desânimo e as incertezas em níveis até então desconhecidos, potencializados por uma pandemia. Entre perdas familiares, isolamento, solidão e medo, eram constantes os questionamentos sobre a capacidade para realizar um trabalho tão importante e também para seguir carreira como jornalistas formadas. Todas essas dificuldades trouxeram aprendizados que se somaram a tudo

que construímos ao longo da graduação. Com o trabalho foi possível criar conexões e ouvir histórias de pessoas distantes fisicamente, o que seria inviável financeiramente caso as entrevistas fossem presenciais. Também, foi possível aprender a desapegar de uma pauta e criar alternativas para os problemas que surgiam. Todo o processo mostrou que é possível desenvolver um trabalho aprofundado mesmo que remotamente e ainda nos possibilitou ouvir e contar histórias, explorando nuances do jornalismo literário, pelo qual temos apreço.

## REFERÊNCIAS

BALLERINI, Damiana. SILVA, Maria Aparecida. Por uma pedagogia da mobilidade: notas sobre migrações estudantis. **Revista de Educação e Letras**. Canoas. v. 17, n. 34. 2015. Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1477>

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. **Est. Hist.** Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 289-321, julho-dezembro de 2009.

CAVALCANTI, Mario Lima. **Os possíveis prós e contras na utilização do e-mail e dos comunicadores instantâneos como ferramentas para se fazer entrevistas**. 2005. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/cavalcanti-mario-utilizacao-mail.pdf>

EDUCAÇÃO, Ministério da (org.). **Sistema de Seleção Unificada – Sisu: balanço das inscrições e dos resultados edição 2019/2**. Brasília, 2019. 23 slides, color. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/coletivasisuprouni.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

FARRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 30-42, Dec. 2011. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2011000200030&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2011000200030&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 Abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/2237-101X012023002>

GRONDIN, Danielle. 2004. Well – Manager Migrant’s Health Benefits All-. *Bulletin of the World Health Organization* 82, 8: 561.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. 2001. Editora Record. Disponível em <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>

LAGE, Nilson. **RELACIONAMENTO DO REPÓRTER COM AS FONTES: procedimentos e teoria**. Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1432.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1432.pdf)

LONGHI, Raquel Ritter. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em Comunicação**, v. 2, n. 7, p. 149-161, 2010. Disponível em: <http://ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>

MAZZI, Carolina Torres. **O perfil no jornalismo literário: uma análise no contexto da reportagem contemporânea**. 2013. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3726/1/CMAZZI.pdf>

NOLASCO, Carlos. **Migrações Internacionais: Conceitos, tipologia e teorias**. Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra. 2016. Disponível em [https://ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/14615\\_Oficina\\_434.pdf](https://ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/14615_Oficina_434.pdf)

OLIVEIRA, Adriana Capuano. Uma questão de identidade! Migrações e pertencimento na dinâmica do mundo globalizado. **Revista USP**. São Paulo. n. 114. p. 91-108. julho/agosto/setembro 2017.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. **Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas the New Yorker e Realidade**. 2016. xi, 456 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22309>

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom em 2006. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>

PERDOMO, Rosa Pérez. **Os efeitos da migração**. Ethos gubernamental.2006.

PRADO, Maria Ligia C.O **Brasil e a distante América do Sul**. Austin: University of Texas, 2002. Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/prado.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021

RODRIGUES, Bernardo Salgado. MERCOSUL: 25 ANOS DE AVANÇOS E DESAFIOS. **Revista Neiba**. 2016. v. 5, n. 1. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/27486>

SANTOS, Luciano dos. **A identidade da América Latina: o projeto intelectual de leopoldo zea**. Goiânia/Go: Ifg, 2016. 240 p. Disponível em: <https://editora.ifg.edu.br/editoraifg/catalog/view/15/14/45-1>. Acesso em: 25 abr. 2021

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Volume 7, n. 2, Julho a Dezembro de 2010.

SOARES, Maria Susana Arrosa. A diplomacia cultural no Mercosul. **Rev. bras. polít. int.** [online]. 2008, vol.51, n.1, pp.53-69. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292008000100003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292008000100003&lng=pt&tlng=pt) Acesso em 20 de dez. de 2020.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria H. **Técnicas de reportagem** – notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986

SOUZA, Ailton de. América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFA**. Macapá, n. 4, p. 29-39, dez. 2011.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Estudantes internacionais no processo globalizador e a internacionalização do ensino superior**. Porto Alegre: Solidus, 2009.

ZEA, Leopoldo. **Darcy y la inmortalidad**. Cuadernos Americanos, México, año X, v.3, n.57, p.37-41, mayo/jun.1996b

## ANEXOS

Declaração de autoria e originalidade

---

### DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Emily Menezes Leão, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16201436, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Sonhos Peregrinos: Histórias de brasileiros na América Latina** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 27 de abril de 2021



Documento assinado digitalmente  
Emily Menezes Leao  
Data: 27/04/2021 20:48:23-0300  
CPF: 103.440.609-42  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Assinatura

---



---

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Ana Carolyn Ritti, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16205066, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Sonhos Peregrinos: Histórias de estudantes brasileiros na América Latina** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 28 de abril de 2021



Documento assinado digitalmente

Ana Carolyn Ritti

Data: 28/04/2021 21:32:52-0300

CPF: 077.391.159-67

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Assinatura